

Apresentação

| | |
|--|-----|
| Experiência autoritária e construção da identidade em <i>A queda para o alto</i> , de Herzer Arinaldo Franco Junior | 239 |
| Poética da malandragem: <i>Memórias de um gigolô</i> , de Marcos Rey Jean Pierre Chauvin | 253 |
| Cartografias da intimidade na literatura brasileira: os diários de Lima Barreto Elizabeth Gonzaga de Lima | 271 |
| Lúcio Cardoso: <i>Diário completo</i> , memórias incompletas Suely da Fonseca Quintana | 297 |
| Minhas queridas: letras de amor e saudade Vera Lúcia Albuquerque de Moraes e Fernanda Maria Abreu Coutinho | 313 |
| Letras femininas: a escrita do eu no universo de Luci Collin Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira | 329 |
| Escrita do eu em tempos de comunicação e trânsitos: a voz de Valdelice Pinheiro Maria de Lourdes Netto Simões | 353 |
| A escrita da memória como fundamento identitário do eu Carlos Eduardo Japiassú de Queiroz | 365 |
| Tennessee Williams' <i>Camino Real</i> and August Strindberg's <i>The Dream Play</i> : expressionism in the Theatre Denise Campos e Silva Kuhn | 389 |
| Pareceristas | 405 |
| Normas da revista | 407 |

A *Revista Brasileira de Literatura Comparada* n.12 reúne, sob o tema “Escritas do eu”, um conjunto bastante diversificado de artigos que procuram abordar teórica e analiticamente, sob uma óptica comparatista, as relações entre a escrita literária e a expressão da subjetividade. A grande quantidade de trabalhos submetidos à Comissão Organizadora, dos quais foram selecionados dezenove artigos, parece-nos indicativa do interesse hoje existente pelas pesquisas que tocam em questões relacionadas às configurações da subjetividade moderna, às redefinições do pacto ficcional, ao registro da memória pessoal e coletiva, aos delineamentos de identidade cultural, dentre tantas outras aqui apresentadas.

O presente número da *Revista* oferece aos leitores a oportunidade de entrar em contato com modos variados de abordagem do tema proposto. Além do enfoque dado a escritores nacionais ou estrangeiros, destaca-se a atenção a diversos gêneros literários, passando pelos mais tradicionais como a poesia, o teatro e a prosa ficcional, até os considerados híbridos ou limítrofes ao literário propriamente dito, tais como as memórias, os diários e as correspondências. Tal diversidade mostra a riqueza do debate crítico, trazendo estímulos para novos questionamentos e avaliações.

O artigo de abertura da *Revista*, “Escrita de si como *performance*”, de Diana Klinger, discute de que maneira a noção de autoficção assumida pela literatura contemporânea após a crise da representação consiste em uma forma de encenação de si, estratégia que o segundo artigo, “Autoficção e literatura contemporânea”, de Luciene Almeida de Azevedo, também busca analisar, no intuito de avaliar

a hipótese de que o conceito de literário, definidor da fronteira entre o ficcional e o real, esteja sendo re-configurado na noção de autor como aquele que encena uma imagem de si. Em “O espelho tem duas faces: a escritura de si à sombra do outro”, de Deise Quintiliano Pereira, retoma o projeto autobiográfico de Sartre para analisar as questões sobre alteridade e singularidade. Leonardo Pinto de Almeida, no artigo “Subjetividade e o escrever, um ensaio sobre a experiência literária”, examina a relação entre subjetividade e experiência literária a partir das reflexões de Michel Foucault e Maurice Blanchot, destacando os conceitos teóricos que diferenciam as funções de escritor e autor.

No estudo sobre o poeta português, “Al Berto, a escrita, o corpo a vida”, de autoria de Sandro Ornellas, a escrita é vista como metonímia do sujeito, materialidade de um corpo que é ao mesmo tempo social, cultural e político, além de elaboração da própria sexualidade, até a eliminação do próprio corpo. A morte, ou ainda o suicídio da poetisa Sylvia Plath serve de ponto de partida também para o artigo de Lílian Loman, “Morrer é uma arte? Sylvia Plath e os suicídios do autor”, que propõe uma leitura desconstrutivista do seu efeito sobre a obra poética, buscando delinear as tensões entre a crítica biográfica e a auto-representação.

Na perspectiva de escrita da memória, o artigo de Maria Lucia Dias Mendes, “Alexandre Dumas: *faiseur de l’histoire?*”, se debruça sobre as páginas do escritor para mostrar de que modo as mudanças históricas são por ele registradas, podendo seu testemunho ser lido também como um romance de aprendizagem. O registro do passado dá sustentação ao ensaio de Daniela Birman, “Narrar o passado, recriar o presente: a escrita de si em Milton Hatoum”, no qual a memória e o esquecimento fazem parte de um processo de constituição da experiência da subjetividade consolidada na voz narrativa. Já no artigo de Maria das Graças Gomes Villa da Silva, “Graham Greene e Kazuo Ishiguro: suspense, trauma, orfandade e o jogo da memória em *The fallen idol* e *When we were orphans*”, é a experiência individual da orfandade o que permite apro-

ximar as duas obras de ficção no exame detido das imagens produzidas pelo trauma e pela memória.

A experiência do encarceramento em *Memórias do Cárcere* é examinada por Conceição Aparecida Bento no seu estudo sobre a escrita autobiográfica de Graciliano Ramos, “A prisão e a escrita: desagregação e agregação em *Memórias do cárcere*”. O espaço prisional no qual nasce a prosa memorialística é assim analisado como um *topos* de articulação de uma tradição literária brasileira. De maneira similar, a experiência da reclusão permite que Arnaldo Franco Junior, no artigo “Experiência autoritária e construção da identidade em *A queda para o alto*, de Herzer”, observe a constituição da identidade de jovens marginalizados em um texto contemporâneo, que se apresenta como um misto de depoimento autobiográfico e poesia. De outra parte, Jean Pierre Chauvin examina no artigo “Poética da malandragem: *Memórias de um gigolô*, de Marcos Rey” a noção de prosa memorialística pseudobiográfica, à luz da tradição da malandragem na literatura brasileira.

A escrita pessoal nascida em situação de recolhimento é tema igualmente do artigo de Elizabeth Gonzaga de Lima, “Cartografias da intimidade na literatura brasileira: os diários de Lima Barreto”, que analisa os diários do autor em parte redigidos no Hospital Nacional de Alienados. Já o artigo de Suely Fonseca Quintana discorre sobre a escrita íntima de Lúcio Cardoso no artigo “Lúcio Cardoso: *Diário completo*, memórias incompletas”. Ainda no âmbito dos registros particulares e afetivos, o artigo “Minhas queridas, letras de amor e saudade”, de Vera Lúcia Albuquerque de Moraes e Fernanda Maria Abreu Coutinho, se debruça sobre a correspondência de Clarice Lispector com suas irmãs em busca de confissões íntimas reveladoras da sensibilidade da escritora. Em “Letra femininas: a escrita do ‘eu’ no universo de Luci Collin”, de Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira, a enunciação da identidade feminina é focalizada na obra em prosa de Luci Collin, escritora paranaense contemporânea, na qual as relações de gênero são questionadas a partir de revelações

íntimas e multipercepções que mostram um distanciamento da escrita quanto às convenções narrativas. A voz feminina em suas múltiplas enunciações artísticas e críticas está focalizada no artigo “Escrita do eu em tempos de comunicação e trânsitos: a voz de Valdelice Pinheiro”, de Maria de Lourdes Netto Simões, sobre a obra da poetisa de Itabuna, e sua relação com a identidade cultural da Bahia. Por fim, as reflexões filosóficas sobre a memória como fundamento da identidade subjetiva é abordada no artigo “A escritura da memória como fundamento identitário do eu”, de Carlos Eduardo Japiassú de Queiroz, que contém um relato memorial, enquanto Denise Campos e Silva Kuhn, em “Tennessee Williams’ *Camino Real* and August Strindberg’s *The Dream Play*: expressionism in the Theatre”, elegem a dramaturgia de Tennessee Williams e August Strindberg para estudar a criação teatral como manifestação da visão subjetiva de seus autores.

Esse conjunto de artigos, como sugerimos, é uma mostra instigante de enfoques possíveis de “escritas do eu”. Agradecemos a todos que colaboraram com este número da *Revista Brasileira de Literatura Comparada* e esperamos que a diversidade aqui apresentada, além de confirmar a riqueza do debate crítico em nosso âmbito de atuação, sirva de estímulo para novos questionamentos e avaliações.

Orna Messer Levin

Pedro Brum

Escrita de si como *performance*

*Diana Klinger**

RESUMO: O texto se propõe discutir o conceito de autoficção como um conceito específico da narrativa contemporânea. A autoficção é pensada como um discurso ambivalente: ela faz parte da cultura do narcisismo da sociedade midiática contemporânea, mas se coloca numa linha de continuidade com a crítica estruturalista do sujeito e com a crítica filosófica da representação. Assim, ela tem pontos de contato tanto com a teoria da “*performance de gênero*” (por exemplo, na obra de Judith Butler) em que a subjetividade é pensada como “desnaturalização” do eu, quanto com a arte cênica da *performance*. Dessa perspectiva, a autoficção seria uma das formas que assumem a literatura depois do fim do paradigma moderno das letras.

PALAVRAS-CHAVE: Autoficção, *performance*, representação, crítica do sujeito.

ABSTRACT: This text aims to discuss autofiction as a concept specific to contemporary literature. In it, I consider autofiction as an ambivalent discourse: participating in the narcissistic culture of contemporary mass media, it simultaneously continues the structuralist critique of the subject and twentieth-century philosophy’s critique of representation. Thus, it shares aspects of performance theory from within gender studies (for example, in the work of Judith Butler), where the subject is thought as a denaturalization of the self, as well as with performance art. From this perspective, autofiction is one of the forms that literature takes on after the paradigm of modern literature is in decline.

KEYWORDS: Autofiction, performance, representation, critique of the subject.

Uma das questões que atravessam a prosa literária atual na América Latina é a presença problemática da pri-

* Pesquisadora do Programa Avançado de Cultura Contemporânea (PACC) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Bolsista de Faperj.